

**(RE)VISITANDO UM MODERNISMO DESCONHECIDO PELA POESIA DE ALCY ARAÚJO A PARTIR DOS POEMAS *PARTICIPAÇÃO* E *MINHA POESIA*****(RE)VISITING AN UNKNOWN MODERNISM BY THE POETRY OF ALCY ARAÚJO FROM THE POEMS *PARTICIPAÇÃO* AND *MINHA POESIA***

Paulo César Andrade da Silva<sup>42</sup>  
Victor André Pinheiro Cantuário<sup>43</sup>

**RESUMO:** O objetivo do artigo é categorizar a poesia de Alcy Araújo como modernista. A proposta é identificar nos poemas *Participação* e *Minha poesia* alguns elementos e eixos temáticos que foram defendidos pelos inauguradores do Modernismo e vêm sendo explorados desde 1922, entre os quais, o verso livre, o gosto pela inovação, o rompimento com o passado, o progresso social e tecnológico como via de acesso ao futuro e a consciência social. Para alcançar o objetivo delineado, o artigo parte de uma breve descrição do contexto de formação do Amapá como espaço de realização literária e da literatura amapaense como resultado do entrecruzamento de vozes que desde a década de 1940 vêm contribuindo para a construção de uma cena literária local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo; Literatura amapaense; Alcy Araújo.

**ABSTRACT:** The objective of the paper is to categorize the poetry of Alcy Araújo as modernist. For this, the paper intends to identify in the poems *Participação* and *Minha poesia* some elements and characteristics that were suggested by the Modernist authors in 1922 and have been explored since then, such as the free verse, the defense of the innovation, the rupture with the past, and the social and technological progress as a way of access to the future as well as the social conscience. To do this, the paper briefly describes the historical process of

---

<sup>42</sup> Doutor em Estudos Literários na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (FCL-UNESP), campus de Araraquara, (2000-2005). Docente do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (DLLC-FCL-UNESP), campus de Araraquara. Pós-doutorado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV-FFLCH-USP), sob a supervisão da Profa. Dra. Rosângela Sarteschi. Foi Visiting Scholar no Department of Modern Languages and Cultural Studies da Faculty of Arts da University of Alberta, em Edmonton, Canadá. É líder do GRIOT (Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas Pós-coloniais (CNPq). Membro do Comitê Executivo (Brazil section) da Latin American Studies Association (LASA) (2018-2020) Atualmente é co-chair da Brazil section da LASA e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. E-mail: paulo.andrade@unesp.br.

<sup>43</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCL-Ar). Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira e Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (FACINTER). Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e em Filosofia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Professor da Universidade Federal do Amapá. E-mail: ve.cantuário@gmail.com.

formation of the Amapá as local of literary realization and of the Amapaense literature as a product of the intersection of many voices that since 1940 have been contributing to the construction of a space of local literature.

**KEYWORDS:** Modernism; Amapaense literature; Alcy Araújo.

## INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1922, o Teatro Municipal de São Paulo sediou os eventos daquela que ficou conhecida como Semana de Arte Moderna.<sup>44</sup> A intenção de seus proponentes? A defesa de uma nova linguagem artística e literária que funcionasse como oposição à das gerações anteriores, por isso mesmo orientando o novo movimento tanto em direção à “liberdade formal” quanto a favor de “ideais nacionalistas” (BOSI, 2017, p. 359).

Se por um lado, o ar modernista era respirado em parte do país, pretendendo anunciar a sua entrada na era da industrialização e ventos favoráveis impulsionando o seu desenvolvimento econômico, por outro, nota-se um descompasso de ideais, bem como de contextos, pois ao Norte, naquele que é noticiado como o único Estado da federação a ter uma capital atravessada pela linha do Equador, nem modernismo, nem modernistas. O cenário era outro.

Se a afirmação de uma identidade nacional estava entre as bandeiras erguidas pelos modernistas da primeira geração (1922-1930)<sup>45</sup>, de acordo com periodização apresentada por Ramos (2004), no que viria a ser o Amapá, era a questão de seu desmembramento do Estado do Pará que estava em discussão, no ano de 1920.

Tal autonomia política e administrativa somente foi alcançada quando o então presidente Getúlio Vargas, “no dia 13 de setembro de 1943, com a edição do decreto-lei 5.812” (SANTOS, 2001, p. 65), promulgou a criação de cinco Territórios Federais, entre os quais, o do Amapá.

Contudo, a modernização do novo Território, elevado à categoria de Estado pela Constituição Federal de 1988, não se daria de maneira imediata. Nas décadas seguintes, o

---

<sup>44</sup> A palavra modernismo é aqui utilizada no sentido interpretado por Bosi (2017, p. 354, itálico do autor) quando a associa à ideia de “um *código novo*, diferente dos códigos parnasiano e simbolista”.

<sup>45</sup> Acompanhando as explicações de Ramos (2004, p. 44) sobre o tema, vê-se que o teórico periodiza o Modernismo, dividindo-o em três “fases ou gerações”. Para ele, os anos de 1922 a 1930 demarcaram a primeira fase do Modernismo, ou *stricto sensu*, momento de ruptura. Os anos de 1930 a 1945, a segunda fase, mais social. E de 1945 em diante, a terceira fase ou da pesquisa estética e das reflexões sobre o movimento em si.

Amapá caminharia paulatinamente rumo à construção de uma identidade própria<sup>46</sup>, de uma cultura que pudesse ser celebrada e de uma literatura que viesse a refletir a terra de onde brotasse.

É certo que não se dispõe de um circuito literário completamente favorável. Os escritores amapaenses e os da região Norte, em geral, ainda estão em desvantagem se comparados com os de outros Estados, disputando espaço a fim de poderem ser reconhecidos como parte da literatura do país e não reduzidos a apenas algumas páginas, parágrafos ou notas de rodapé em uma História da literatura brasileira.

Nesse aspecto, a observação de Dalcastagnè (2012, p. 8) se realiza na evidência de que a literatura brasileira, “[d]esde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora [...] é um território contestado.” Não que em outras tradições literárias esse fenômeno não esteja presente, mas em cada realidade as divergências apresentam configurações particulares. No caso em questão, mostra-se um território em que a disputa por espaço, visibilidade e poder não permite as mesmas condições a todos os envolvidos. Logo, um autor do Sudeste possui mais chances de ser publicado por uma das principais editoras do país que um do Norte. Conclusão que se extrai de dados apresentados pela autora.<sup>47</sup>

Mas em relação ao século passado, hoje, a literatura amapaense encontra-se em desenvolvimento, fortalecida por projetos de financiamento advindos tanto da iniciativa pública quanto privada, além do esforço pessoal de escritores que autofinanciam a publicação de suas obras e daqueles que mantêm páginas na internet dedicadas a dar visibilidade à cena literária do Estado.

Essa evolução que, a princípio, buscou um alinhamento com os tons modernistas, deve-se reconhecer, está, também, intimamente vinculada à produção de poetas e escritores da literatura amapaense que, em fins da primeira metade do século passado, utilizaram as páginas de jornais locais como meio de divulgação de suas composições.

Segundo Souza (2016), um desses espaços foi o *Jornal Amapá* e um dos primeiros membros de sua equipe editorial foi Alcy Araújo, jornalista e poeta cujos versos, este estudo

---

<sup>46</sup> É oportuno seguir o entendimento de Azevedo (2016) quando nota, desde o título de seu estudo sobre a circulação do *Jornal Amapá*, que a ideia de identidade amapaense é melhor representada se pluralizada, já que para a sua realização convergiram sujeitos de outras localidades e países.

<sup>47</sup> Esses dados estão disponíveis no capítulo 6 da obra referenciada.

pretende mostrar, representam e manifestam a vocação modernista das letras amapaenses e que será um dos responsáveis por pavimentar a estrada para as gerações seguintes.

Olhando para esse território contestado em que se converteu a literatura brasileira, que consagra alguns e marginaliza outros, este artigo quer evidenciar uma parte da produção de Alcy Araújo e apontar, nos poemas que serão citados, os traços do Modernismo em conformidade com o programa proposto pelos seus iniciadores.

Outrossim, compreende-se que, diante da não existência de variadas fontes de consulta sobre a literatura amapaense, suas especificidades, movimentos e momentos de transição, oferecem-se tão somente considerações cujo objetivo é o de despertar o interesse dos leitores por esse campo de discussão ainda em processo de formação.

## **UM MODERNISMO À MARGEM DOS OUTROS**

Pensando o Modernismo brasileiro como um movimento que não ficou recluso nos acontecimentos que marcaram aquela semana de fevereiro de 1922, mas ecoou e vem ecoando no tempo e no espaço desde então, permitindo que sua herança fosse reavaliada nas décadas seguintes ao evento e seja novamente no ano de 2022, que sinalizou o seu centenário, percebe-se quão heterogênea foi a sua interpretação e apropriação nas regiões do país.

Olhando em panorama, é possível observar que ao mesmo tempo que em São Paulo se anunciava a nova corrente literária, a qual pretendia dinamitar o que veio antes de si, pregando a liberdade formal, de criação, atribuindo ao escritor a função de criar suas próprias regras e advogando pela produção de uma literatura mais brasileira e menos baseada em modelos estrangeiros, em outros Estados os ventos do Modernismo também conquistaram adeptos.

Essa é a conclusão a que chegam Ramos (2004) e Bosi (2017), em suas descrições históricas, ao noticiarem os frutos colhidos pelos modernistas no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Nordeste, no Sul, mas não logrando êxito em indicar detalhadamente aqueles que teriam abraçado o movimento no Norte do Brasil.

Bosi (2017), por exemplo, justifica que não é possível citar todos os autores que seriam categorizados como expoentes do regionalismo praticado nos anos de 1920 e 1930, compreendendo-se que tal tendência é um desdobramento do Modernismo, mencionando, em

um parágrafo de pouco mais de sete linhas, que contrasta com aqueles dedicados a outros Estados ou regiões, alguns nomes do Amazonas e do Pará, entre os quais destaca Dalcídio Jurandir, escritor paraense.

Essa ausência de esclarecimentos sobre o Modernismo do Norte certamente não se deve à não existência de escritores nessa região do país, nesse momento de agitação cultural. Aparece ser mais uma escolha realizada por determinados teóricos de voltar o olhar para o centro nervoso das movimentações literárias e legar, quando muito, àquele espaço que adquirirá feições de periferia, o papel de espectador.

Defende-se que se trata de uma escolha porque se está diante de um perigoso espaço de disputa cultural, de formação de discursos e da propagação de valores, no qual a ausência real e não apenas imaginada do Norte no mapa literário nacional não se constituiu em um problema de primeira ordem, mas em uma preocupação que parece atormentar apenas aqueles atingidos diretamente com o manto da invisibilidade.

Disso, de invisibilidade nas letras, falou bastante Dalcastagnè (2012) ao problematizar que hierarquias, às vezes violentas, são erguidas para autorizar quem possui o direito de produzir Literatura, com inicial maiúscula, e, conseqüentemente, quem deve ser silenciado, quem deve apenas testemunhar a ascensão de outros com os quais não se reconhece, dedicando-se ainda, a teórica, a identificar quão homogênea persiste sendo a literatura brasileira porque a sua face permanece quase que intocável, e oferecendo indicativos numéricos para comprovar o seu posicionamento.

Diante desse cenário literário, que aparentemente não quer ceder terreno para outras vozes serem ouvidas e para que venha a se instalar o que os manifestos modernistas da primeira metade do século XX tanto defenderam, trazer um escritor que não goze do prestígio acadêmico ou do reconhecimento de seus pares, também escritores, é sentenciá-lo à uma fogueira de vaidades, apenas para ter sua obra desprestigiada e ser definido como um imitador das altas realizações de espíritos nobres.

Mas ao menos se imagina que literatura não deveria ser isso. E sim, entre tantas outras coisas, o compartilhamento de experiências e a fruição estética, porque se ela também é um dos produtos culturais de um povo, eventuais ausências de autores e obras deveriam ser compensadas nas histórias que se ocupassem de acompanhar o trajeto evolucionário de uma

dada tradição literária. Contudo, o ato de imaginar não torna real o conteúdo do pensamento, é necessário agir.

## OS “PRIMEIROS” DE MUITOS

Em 15 de fevereiro, segunda noite da Semana de 1922, Menotti del Picchia, na função de “orador oficial”, é o responsável por apresentar o “ideário do grupo”, marcando seu discurso com as seguintes palavras: “A nossa estética é de reação. Como tal, ela é guerreira” (BRITO, 2004, p. 18).

Essa vontade de desafiar a tradição que se avoluma atrás e olhar para a frente sem temor foi uma das molas propulsoras do Modernismo brasileiro, segundo vários testemunhos da época, como o professado na fala de Picchia, mas também o de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, entre outros.

Apesar do receio que alguns teóricos demonstram ao tratar da questão, a intenção dos modernistas foi a de romper com o passado, por isso, ao menos inicialmente, deixaram-se reconhecer como futuristas por enxergarem, ainda que não unanimemente, nos ideais contidos no manifesto de Filippo Marinetti, uma via de renovação e um alinhamento com as transformações que ocorriam ao redor do mundo.

Mas o dito progresso e as revoluções não eram uma constante. Dentro do próprio Brasil, o descompasso no desenvolvimento socioeconômico evidenciava que a ruptura era mais textual que efetiva. Afinal, apesar de ser uma República, formalmente reconhecida, com uma Constituição a disciplinar seu funcionamento, o país movimentava-se não mais nos trilhos de uma monarquia, mas caminhava conforme a vontade de uma elite ou como esclarece Fausto (2006, p. 261), “o poder foi controlado por um reduzido grupo de políticos de cada Estado.”

É importante resgatar que houve movimentações nas terras do hoje Amapá, nesse momento, advogando pelo seu reconhecimento como Território Federal, para se equiparar ao Acre<sup>48</sup> que, no início do século XX, atingiu tal posição (SANTOS, 2001). Portanto, devido ao fato de fazer parte do Estado do Pará, eram intendentess daí despachados que atravessavam o rio

---

<sup>48</sup> De acordo com as palavras de Jerônimo Santana, Deputado Federal por Rondônia, em 1974, “[o] Acre foi incorporado ao Brasil em 1903, adotando o princípio do *uti possidetis*, e transformado em Território pela Lei nº 1.181, de 24 de fevereiro de 1904” (PORTO, 2002, p. 27).

Amazonas para administrar os municípios de Macapá, Mazagão e Amapá, os únicos até então criados.

Essa falta de autonomia administrativa parece ter causado impactos também na formação cultural e, por consequência, literária, pois não abundam fontes nas quais seja possível encontrar escritores que tenham publicado com frequência e constituído uma obra ou cena das letras locais antes de 1940.

Entre os escritores amapaenses de que se tem notícias já em sua fase como Território e antes que se torne Estado, a partir dos estudos de Souza (2016) e Canto (2019), foi possível reunir os nomes de Aracy Mont'Alver (poeta, nascida no Pará), Isnard Lima (poeta, nascido no Amazonas), Artur ou Arthur Nery Marinho (poeta, nascido no Pará), Carlos Cordeiro Gomes (poeta, nascida no Pará).<sup>49</sup>

Conforme levantamento de Cavalcanti *et al.* (2006, n.p.), outros que podem ser citados são: Álvaro da Cunha, Aluizio da Cunha, Alcy Araújo, [mencionam também] Arthur Nery Marinho e Ivo Torres". Desse grupo, apenas o último não é paraense, mas poeta e escritor de tendência concretista, nascido no Rio de Janeiro.

Sobre Alcy Araújo, Canto (2019) menciona-o quatro vezes e em uma delas referencia-o como poeta. Já em Souza (2016), há uma única menção ao seu nome, mas sem qualquer referência ao seu fazer literário. Aí, ele é citado entre os membros da primeira equipe editorial do *Jornal Amapá*, o mesmo que, nos anos de 1950, criou

uma seção cultural onde divulgava as produções literárias amapaenses por iniciativa dos recém-chegados escritores, que vieram prestar serviços como servidores públicos no Território Federal do Amapá. No referido período, é uma das seções mais regulares do jornal e considerada vanguarda na divulgação das primeiras expressões literárias amapaenses, visto que, na época era o principal e mais eficiente meio de divulgação da produção desses escritores. A seção normalmente se localizava na terceira página do jornal e era bastante apreciada principalmente entre as pessoas com o letramento (SOUZA, 2016, p. 170).

---

<sup>49</sup> Do penúltimo, os teóricos não fornecem informação de seu local de nascimento. Isso foi obtido pela consulta ao blogue do jornalista João Lazáro. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2012/12/arthur-nery-marinho-um-poeta-burocrata.html>. Acesso em: 31 mar. 2022.

Como se pode observar, a literatura amapaense, de inclinação modernista, terá de aguardar o desenrolar de alguns eventos para poder se estabelecer e, além disso, resta bem evidente que essa primeira geração de poetas é praticamente toda composta de pessoas nascidas em outros Estados do Norte, o que de maneira alguma diminui nem a sua contribuição para a formação da literatura amapaense nem o valor particular que suas obras terão ao representar o Amapá.

Deve ficar bem esclarecido que a utilização da palavra “primeiros” não sentencia, muito menos determina que foram esses nomes os iniciadores da literatura amapaense. É tão somente uma tentativa de se demarcar o momento histórico a partir do qual se consegue identificar uma literatura que busca se alinhar com o restante do país e se tornar visível no cenário regional e nacional.

Essa cautela resulta justamente de algo que se apontou linhas atrás, quer dizer, diante da escassez de fontes para gerar uma afirmação que possa ser considerada mais precisa, dizer que há uma literatura amapaense com um conjunto de obras e autores anterior ao momento que se indica seria incorrer em erro.

## ELE É UM POETA MODERNISTA?

De acordo com publicação consultada no blogue de Cavalcanti (2022), Alcy Araújo nasceu no Estado do Pará, em um distrito conhecido como Peixe-Boi, no ano de 1924. Ainda na infância, mudou-se com a família para a capital, Belém. Aos 17 anos, decidiu-se pelo jornalismo como profissão, atuando em diversos jornais paraense até que nos anos de 1950 veio a se estabelecer no Amapá, aí falecendo em 1989, aos 65 anos. Entre suas obras, contam-se os títulos *Autogeografia* (1965), *Poemas do homem do cais* (1983), *Jardim clonal* (1997), entre outros.

Participando da antologia *Modernos poetas do Amapá*, publicada pela editora Rumo, em 1960<sup>50</sup>, Araújo e outros autores são descritos como “[os] primeiros poetas do Amapá, enquanto

---

<sup>50</sup> No blogue Literatura no Amapá (CAVALCANTI *et al.*, 2006), é possível visualizar uma imagem do jornal da época noticiando a publicação da referida antologia.



unidade socialmente e geograficamente definida, [que] vieram de uma fase revolucionária da arte literária do país – a escola Modernista” (CAVALCANTI *et al.*, 2006, n.p.).

Os poemas de Araújo problematizam o ser social e local de onde escreve, o Amapá, ao mesmo tempo em que se preocupam com questões sociais, seguindo de perto, portanto, as aspirações da tendência modernista em seu discurso de criação de uma arte e de uma literatura que olhe para dentro, para o Brasil, para si mesmo e não constantemente desvie o olhar para fora.

Cronologicamente, se se utilizar a periodização de Ramos (2004), Araújo e seu pares são escritores que melhor se encaixariam na terceira fase do Modernismo, com seu apelo à pesquisa estética e à avaliação sobre o próprio movimento, bem como sobre as implicações diretas e indiretas que teve na literatura brasileira, entretanto, ao ler alguns de seus versos, é possível inferir que transitam livremente pelo Modernismo. Veja-se, por exemplo, a esse propósito de identificação, o poema *Participação*:

Estou convosco.  
Participo dos vossos anseios coletivos.  
Vim unir meu grito de protesto  
ao suor dos que suaram  
nos campos e nas fábricas.  
Aqui estou  
para juntar minha boca  
às vossas bocas no clamor pelo pão  
sancionar com este rumor que vai crescendo  
a petição de liberdade.  
Estou convosco.  
Para unir meu sangue ao sangue  
dos que tombaram  
na luta contra a fome e a injustiça  
foram vilipendiados em sua glória  
de mártires  
de heróis.  
Vim de longe  
percorrendo desesperos.  
Das docas agitadas de Hamburgo  
das plantações de banana da Guatemala  
dos seringais quentes do Haiti.  
Vim do cais angustiado de Belém  
dos poços de petróleo do Kuwait  
das minas de salitre do Chile  
Passei fome nos arrozais da China  
nos canaviais de Cuba

entre as vacas sagradas da Índia  
ouvindo música de jazz no Harlem.  
Afundei nas geladas estepes russas.  
morri ontem no Canal da Mancha  
e hoje no de Suez.  
Tombei nas margens do Reno  
e nas areias do Saara  
lutando pela vossa liberdade  
pelo vosso direito de dizer  
e de amar.  
Estou convosco.  
Voluntariamente aumento o efetivo  
dos que não se conformam  
em viver de joelhos  
morrendo sufocando lágrimas  
nas frentes de batalha  
nas prisões  
para dar à criança recém-parida  
o riso negado aos vossos pais  
o pão que falta em vossas mesas.  
Meu filho  
e o filho do meu filho  
saberão que o meu poema não se omitiu  
quando vossas vozes fenderem o silêncio  
e ecoarem nos ouvidos de Deus.  
(CAVALCANTI, 2022, n.p.)

O cultivo do verso livre, posição adotada pelos escritores modernistas, e, aliada a esse quesito da forma, a preocupação com questões sociais e com a desigualdade que avança sobre grande parte da população permitem associar o tema de discussão levantado por Araújo nesse poema com a bastante referenciada *Ode ao burguês* de Manuel Bandeira e sua pulsante denúncia dos modismos e das futilidades presentes na sociedade brasileira.

A ode que exala ódio de Bandeira, como testemunha de que uma cortina histórica repleta de vícios e tradicionalismos deveria se fechar para outra se abrir, também escancara a condição de vida do ser social nada privilegiado trazido para frente da cena por Araújo em sua poesia-manifesto ou poesia-participação.

É o poeta compreendendo que não pode fechar seus olhos para a realidade. Já não é possível ignorar que o progresso e melhores condições de vida são uma promessa ainda não realizada, por isso, é imperativo movimentar-se, como professa o eu lírico, fazer com que aqueles alijados de seus direitos e dos frutos do dito progresso social não tenham suas vozes

absolutamente silenciadas. Grito de agonia que reverbera nesse “Estou convosco”, repetido como coro.

Trata-se de um interessante contraste que brota do interior do Modernismo porque enquanto este anuncia a renovação, com sua inspiração apoiada na constante valorização do novo, também pretende funcionar como vitrine através do qual o país veja a si mesmo, a fim de refletir a sua própria imagem que deve evidenciar onde está e para onde quer caminhar.

Esse ver a si mesmo, para poder se construir como país, implica em não vendar os olhos para o suor que escorre de faces cansadas; em não cerrar os ouvidos para o clamor de bocas famintas em busca de pão, nem arremessar no esquecimento aqueles que padeceram “na luta contra a fome e a injustiça”. Como se se estivesse admitindo que a Modernidade chegou, mas não é para todos.

Esse é um estado de ânimo, o da revolta, da denúncia e da percepção do absurdo do mundo, que, mesmo sutilmente, também se apossa de Sérgio Milliet quando, em *Saudade*, estando em Paris, expressa a sua ânsia de retornar ao Brasil, reclamando como o incomoda o aço que se converte em paisagem. E seu retorno faz-se necessário porque é “Brasileiro / Mas do Brasil sem colarinho / do Brasil negro / do Brasil índio”, como dirá em *Bailado sueco* (RAMOS, 2004, p. 80).

Quer dizer, de um país em que os privilégios estão concentrados em determinados grupos, ao passo que o Brasil real, do negro, do índio, sem colarinhos, dos operários ou trabalhadores braçais de Hamburgo, Guatemala, Haiti, de Belém, do Kuwait, do Chile e da China, é um lugar de privações, é um horizonte que milhares, quando muito, apenas podem contemplar.

Como observador de cenas sociais, Araújo aproxima-se bastante de Carlos Drummond de Andrade, mas também sua poesia se harmoniza com o realismo que resultou do Modernismo e deu surgimento a uma geração de escritores interessados nesse Brasil real, como Jorge Amado e Graciliano Ramos, por exemplo.

Araújo se aproxima de Drummond quando fotografa em versos a vida cotidiana. Veja-se deste os versos de *A máquina do mundo* para uma comparação com os poemas do literato amapaense aqui citados. Por isso mesmo, aproxima-se de Jorge Amado e Graciliano Ramos quando se dedica a poetizar a opressão, a dor, a injustiça e a discriminação humanas, sem perder-se na mera provocação, mas atribuindo aos seus versos a função de marcarem e, se possível, transformarem a realidade.

Para estabelecer esses pontos de contato mencionados, leia-se *Minha poesia*, de Araújo, a seguir:

A minha poesia, senhor, é a poesia desmembrada  
dos homens que olharam o mundo  
pela primeira vez;  
dos homens que ouviram o rumor do mundo  
pela primeira vez.  
É a poesia das mãos sem trato  
na ânsia do progresso.  
Ídolos, crenças, tabus, por que?  
Se os homens choram suor  
na construção do mundo  
e bocas se comprimem em massa  
clamando pelo pão?  
A minha poesia tem o ritmo gritante  
da sinfonia dos porões e dos guindastes,  
do grito do estivador vitimado  
sob a lingada que se desprende,  
do desespero sem nome  
da prostituta pobre e mãe,  
do suor meloso da gafeira  
do meu bairro sem bangalôs  
onde todo mundo diz nomes feios,  
bebe cachaça, briga e ama  
sem fiscal de salão.  
– Já viu, senhor, os peitos amolecidos  
da empregada da fábrica  
que gosta do soldado da polícia?  
Pois aqueles seios amamentaram  
a caboclinha suja e descalça  
que vai com a cuia de açaí  
no meio da rua poeirenta.  
Cuidado, senhor, para o seu automóvel  
não atropelar a menina!...  
(CAVALCANTI, 2021, n.p.)

Aquele aço de que se queixou Milliet, floresce aqui na crítica à “ânsia do progresso”, na “construção do mundo”, na imagem do “guindaste”. Mas o império do amanhã e suas promessas oculta rostos, bocas e peitos. Oculta a flacidez de quem se submete às regras daqueles que detêm o monopólio da palavra, o mesmo monopólio denunciado por Dalcastagnè (2012) por se concentrar em alguns atores cuja cor, o sexo e a profissão permitem a consagração literária.

Interessante como Araújo alimenta a contraposição entre progresso e vida social, entre uma profissional, cujo vínculo trabalhista é definido por regras específicas, e uma figura institucional nos pares “automóvel” *versus* “caboclinha suja e descalça”, “empregada da fábrica” *versus* “soldado da polícia”, ao mesmo tempo em que problematiza cada uma dessas relações e busca estabelecer um circuito de afetos que evidencie a profundidade de tais contatos.

Os contrastes estabelecidos pelo escritor amapaense, tanto neste quanto no outro poema, são indícios não apenas de seu vínculo com o movimento modernista, mas também de seu compromisso em ser um mediador entre tempos e gerações, observando as apostas que o movimento fez na ideia de progresso (futuro) e na constante ruptura em direção à inovação, porque Araújo, ao seu modo, agitou o Modernismo, sendo modernista, ao demonstrar haver compreendido que estava professando uma vocação cuja dimensão mais latente reconhece os riscos envolvidos nesse credo.

Ainda há de se pontuar que nos poemas aqui expostos, com suas imagens cujo propósito é de tentar balançar o leitor, nota-se a travessia modernista da euforia inicial do movimento rumo à uma mudança de atitude que gradualmente irá se conscientizar do real estado do país, um dramático cenário que nos fins dos anos de 1920 e início da década seguinte será definido por mais um período de instabilidade.

Como mostram alguns estudiosos do Modernismo<sup>51</sup>, tal instabilidade não deu fim ao movimento. Ao contrário, fortaleceu as suas linhas e tendências literárias, fez surgir outras e deu espaço para o surgimento de uma geração de escritores que olharia para o Brasil como acreditou que deveria ser lido e representado, por isso mesmo dando outros significados à ideia de identidade nacional e patriotismo.

A poesia de Araújo é resultado desses encontros e cruzamentos. Dessas linhas que desmembram um poema para ser lido e cantado para além dos salões das elites. É resultado da instabilidade e da insegurança existencial, de um olhar o mundo e as pessoas de perto e acompanhar o seu cotidiano.

É uma poesia que canta o hoje ciente das transformações, dos riscos e benefícios que a máquina e os objetos, a industrialização e o sistema econômico trazem consigo, pois reside em

---

<sup>51</sup> Movimentos de revisita ao Modernismo caminharam nessa direção de compreendê-lo em associação com a situação do país, bem como de interpretar as suas contradições. Esse é o tom do livro organizado por Gênese de Andrade, *Modernismos 1922-2022*, e do livro de Antonio Arnoni Prado, *Itinerário de uma falsa vanguarda*.

seus versos, também, a exposição do comportamento inconsequente daqueles que custeiam seus luxos e cujas ações interferem na vida dos outros, mas também a empatia pelos menos favorecidos ou desprovidos de direitos sociais, vejam-se os dois versos finais, acima.

Esse impulso poético variado e contraditório, manifestado pela poesia de Araújo, é resultado daquilo que Bosi (2017) afirmou sobre o Modernismo, ou seja, de que ele se fez presente mesmo onde aparentemente parece que não vingou. Seu gosto pelo coloquial, pela oralidade, seu interesse em explorar o irônico e em ridicularizar situações e contextos, em ler a realidade, permitiram a experiência literária de vozes como as do poeta amapaense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernando Canto, citado por Cavalcanti *et al.* (2006, n.p.), categoriza o grupo de poetas do qual Araújo fez parte, em certa medida, de “burocratas-escritores”, reconhecendo que seus esforços foram imensos para que fizessem vingar quantos deles pudessem. Concluindo que “[p]oucos conseguiram o objetivo”, de se tornarem conhecidos.

O trajeto da literatura amapaense, conforme pontuado, tem sido resultado de um conjunto de ações de natureza não apenas literária e isso marcou e tem marcado a identidade dos escritores que nela se movimentam e cujas obras buscam se harmonizar com o solo ou as águas por onde caminham/navegam.

É uma literatura que circula por um perigoso e disputado terreno no qual os esforços pessoais e coletivos nem sempre produzem os efeitos esperados, de dar visibilidade a obras e autores, bem como à identidade que foi e é construída pelo cruzamento de vozes que trazem consigo o proveitoso peso do passado em direção ao futuro.

A literatura amapaense contemporânea é fruto, agora se pode concluir, das necessidades que a história do Território guarda em suas páginas, nem todas escritas a tinta. Algumas escritas em pedra ou em água, outras apenas guardadas na memória de seu povo e de seus poetas e prosadores, cada um garantindo que tal herança não se perca na passagem do vento que sopra na beira de sua capital, de onde se pode vislumbrar o Amazonas, mas perdue porque fala de muito e fala de si.

Se hoje textos como este são possíveis, refletindo sobre o impulso modernista na poesia de Alcy Araújo, além dos pontos de convergência e divergência de sua escrita em relação ao movimento originalmente paulista, certamente é porque o esforço aludido linhas atrás, o esforço sobre-humano que realizaram produziu o efeito esperado e suas obras são objeto de estudo e reflexão.

Araújo é descrito por Cavalcanti (2022, n.p.) como um poeta “cheio de esperança [que] colocou sua poesia a favor da luta por um[a] sociedade melhor, livre das desigualdades e das injustiças”. E em razão disso, é um poeta cujos versos evidenciam a coragem necessária para não apenas ler e descrever a vida, mas erguer um canto como grito contra a opressão e de indignação contra o rebaixamento da posição do ser humano que resiste a pôr-se de joelhos.

Disso resulta que seus poemas, em todas as camadas que os formam, são reflexo de suas observações, como cronista e fotógrafo da realidade que abraçou as propostas do Modernismo, ainda que esteja distante no tempo e no espaço do centro em que o movimento primeiro se formou.

Em termos estruturais, isso poderia ser compreendido como desvantagem, mas dada a força que a literatura carrega consigo, esse afastamento converte-se em uma possibilidade de utilizar o Modernismo a favor de si mesmo, isto é, não esgotar as suas premissas de apenas buscar o novo, versejar sem métrica, ironizar contextos e situações, e sim de aprofundar o diálogo em prol do progresso social, mas também do progresso da arte, crendo-se que os dois eixos se tocam necessariamente.

Araújo foi um dos poetas que se beneficiou da matéria literária à sua disposição, utilizando-a para promover uma forma de literatura que pusesse inevitavelmente em contato constante arte e sociedade e o humano em um estado de reflexão permanente sobre si mesmo e os outros.

Por isso, acredita-se que o poeta amapaense sustentou um projeto poético modernista em conjunto com os demais expoentes de sua geração, cujo maior legado foi o seu olhar atento e dedicado para as questões sociais com as quais se defrontou. Fechar os olhos não era uma possibilidade, pois como afirma nos versos finais de *Participação*: “Meu filho / e o filho do meu filho / saberão que o meu poema não se omitiu / quando vossas vozes fenderem o silêncio / e ecoarem nos ouvidos de Deus” (CAVALCANTI, 2022, n.p.).

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BRITO, Mário da Silva. A revolução modernista. *In*: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil: era modernista**. São Paulo: Global, 2004. p. 4-42.
- CANTO, Fernando. **Literatura das pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como locus das identidades amapaenses**. Macapá: Editora da UNIFAP, 2019.
- CAVALCANTI, Alcinéa *et al.* Movimento Rumo e Modernos Poetas do Amapá. **Blogue Literatura no Amapá**, 6 de janeiro de 2006. Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com/2006/01/movimento-rumo-e-modernos-poetas-do.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- CAVALCANTI, Alcinéa. Minha poesia. **Blogue**, 4 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.alcinea.com/categoria/alcy-araujo>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- \_\_\_\_\_. Hoje – 98 anos do nascimento do poeta e jornalista Alcy Araújo. **Blogue**, 14 de março de 2022. Disponível em: <https://www.alcinea.com/categoria/alcy-araujo>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- PORTO, Jadson Luis Rabelo. **Amapá: principais transformações econômicas e institucionais (1943-2000)**. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. O modernismo na poesia. *In*: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil: era modernista**. São Paulo: Global, 2004. p. 43-229.
- SANTOS, Fernando Rodrigues dos. **História do Amapá**. 6. ed. Macapá: Valcan, 2001.
- SOUZA, Manoel Azevedo de. **Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no *Jornal Amapá* – 1945 a 1968**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.